

JAZZ

13 ABRIL 2018

CICLO "ISTO É JAZZ?"

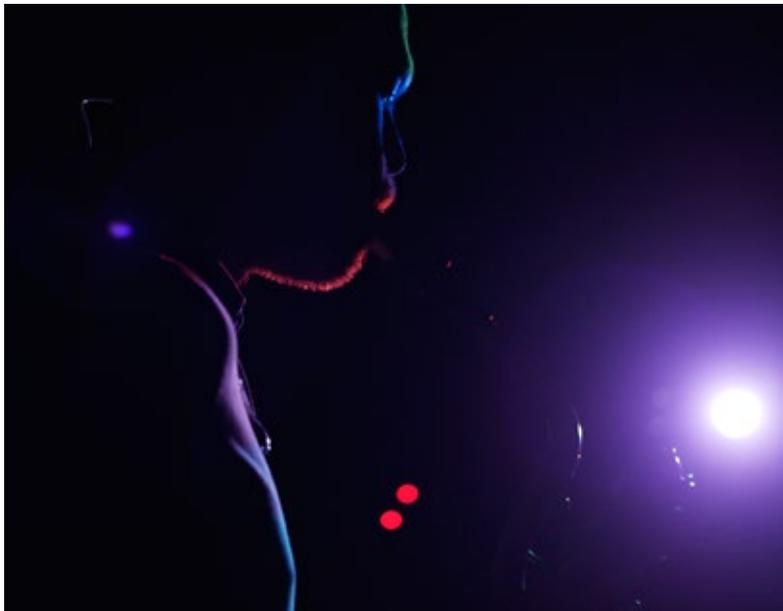
COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Jonah Parzen-Johnson

I Try To Remember Where I Come From

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone barítono e sintetizador analógico

Jonah Parzen-Johnson

Sex 13 de abril

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Jonah Parzen-Johnson, músico folk

Jonah Parzen-Johnson pratica uma música com consciência. E porque é uma música plenamente consciente dos seus motivos e das suas implicações, este músico originário do sul de Chicago entende-a como uma missão, como uma ferramenta de ativismo social e político. Não é uma música panfletária nem tem, sequer, uma mensagem concreta, até porque não utiliza palavras e não pretende ser propagandística, mas nem por isso é menos interveniente. A música que Parzen-Johnson toca a solo poderia ser um empreendimento solitário, mas tudo nela reflete um profundo sentido de comunidade. As referências do seu trabalho no saxofone barítono são as do jazz segundo a visão da AACM, acrónimo de Association for the Advancement of Creative Musicians, que aprendeu com um dos grandes da associação, Mwata Bowden, e com outros músicos negros de Chicago. Já o que faz com os sintetizadores tem a marca da música eletrónica mais exploratória. No entanto, as melodias que tira do sax e o carácter coral das suas máquinas analógicas têm tudo que ver com a folk americana mais enraizada na tradição.

É ele próprio quem o afirma: «O que eu faço é música folk. Para mim, folk é qualquer música que foi criada para comunicar, para contar uma história. A pop é uma versão altamente refinada da folk, enquanto a música experimental é uma forma totalmente inclusiva da folk. No fundo, trata-se em todos

os casos de música folk. Música que pretende juntar as pessoas e partilhar uma perspetiva.» E se reconhecemos uma decisiva influência dos cantos dos Apalaches nos temas do seu mais recente disco, *I Try to Remember Where I Come From*, não se pense que o que este caucasiano nascido num bairro afro-americano faz é cruzar a “grande música negra” com a folk “branca”. Na sua opinião, não existe tal coisa... «Desde os períodos da escravatura e do segregacionismo à era dos direitos civis e ao que se passa hoje, é a cultura dos negros que define os Estados Unidos. Toda a folk americana é profundamente influenciada pelos blues e pela música de igreja criada pelas comunidades negras enquanto lidavam com o preconceito e a exclusão. Em Chicago fui exposto a muitos músicos incríveis que faziam parte da tradição musical afro-americana e estou grato pela sua generosidade. Sinto-me muito feliz pelo facto de eles me terem ensinado tanto. Por causa disso, trabalho muito, no dia-a-dia, para me lembrar da responsabilidade que vem com essa oferta. Sinto uma forte necessidade de reconhecer as fontes da folk americana, de honrar o sacrifício involuntário daqueles que foram os seus pioneiros, fazendo o melhor que posso para dar mais energia à causa da igualdade», adianta-nos.

De militância, pois, se trata. «É muito fácil, mas raramente eficiente, dizer às pessoas o que devem fazer, e eu não quero seguir por aí. Acredito em utilizar as paixões pessoais como plataforma para uma mudança positiva, e que qual-

quer capacidade, qualquer interesse, pode contribuir para a batalha que travamos com vista a tornar o mundo num lugar melhor. Quando estou em digressão, tento mostrar que mesmo algo tão estranho como uma pessoa no palco a tocar saxofone pode ser o início de uma conversa sobre os modos como podemos trabalhar em conjunto para honrar as pessoas que criaram o bem neste planeta, assim continuando a sua luta. Penso nisto como uma forma de ativismo popular. Procuo ajudar a promover a experimentação e o engajamento social e político em todos os sítios onde toco», explica-se o músico editado pela portuguesa Clean Feed.

Nenhuma contradição ele encontra entre este labor inspirado nas pessoas e dirigido às pessoas e o facto de o desenvolver a sós: «Em parte, comecei a tocar a solo devido à divisão que sentia entre os músicos e a audiência. Mais do que qualquer outra coisa, quero ligar-me aos outros e quando toco sozinho a distância entre músico e público é removida. Não há melhor maneira de conhecer novas pessoas e de nos ligarmos a novas comunidades do que viajando e tocando solitariamente. Aprendi imenso e com muita gente deste modo.»

Um dos seus princípios é «dar voz àqueles que sofrem de silenciamento físico e mental», mas não se atreve a representá-los. «Não experienciei a opressão na minha vida. Enquanto homem branco criado nos Estados Unidos, sou privilegiado, e tento manter essa noção bem presente. Estou agradecido pelo que tenho, mas faço questão de me recordar que aquilo

que tenho foi pago por alguém que não teve a mesma sorte do que eu. Não é suficiente que aqueles que estão no poder admitam que tiraram esse poder a outros, por vezes literalmente: têm de devolver o que roubaram. Pela minha parte, aspiro a devolver a autoria da música americana às comunidades que a criaram. Espero elevar aqueles que foram silenciados, não ser seu representante. Não o consigo fazer sempre. Perco-me com frequência, e deixo que o meu ego tome a dianteira. Quando tal acontece, esforço-me por recuperar o foco e lembrar-me que a minha vida é uma dádiva preciosa que tenho de usar para mais do que o meu próprio ganho», comenta.

Este é um conflito interior que sempre o acompanha, inclusive pelo facto de, em paralelo, integrar um grupo que se dedica ao afrobeat, género musical surgido bem longe dos Estados Unidos, a Nigéria: «Quando me juntei aos Zongo Junction, sabia muito pouco sobre o afrobeat. No início era como que um exercício académico para mim, mas à medida que fui mergulhando na música de Fela Kuti percebi como o afrobeat tinha uma relação com Sun Ra e outros músicos de Chicago, como Lester Bowie. Foi o começo de uma ligação emocional com essa música. Conforme fui ouvindo melhor, entendi também melhor as motivações políticas que são essenciais no afrobeat. Neste ponto, comecei a questionar-me se era correto tocar uma música tão implicada no facto de ser africana e de lutar contra o que ficou do colonialismo europeu. Continuo a debater-me com este dilema.

Não tenho uma resposta definitiva, mas tento cumprir a minha parte em honrar o legado de Fela Kuti, contando a história do afrobeat e denunciando a corrupção e a desigualdade. Para mim, a maior injustiça da apropriação é apresentar aquilo que é tirado como se fosse uma criação própria. É isto que procuro mais evitar na minha música.»

A combinação de saxofone e eletrónica proposta por Jonah Parzen-Johnson remete-nos imediatamente para John Surman, ainda que o faça de maneira diferente: «Aprecio-o bastante, sobretudo a solo. Ouvi muito o seu álbum *Witholding Pattern*. A maneira como ele constrói texturas com os sintetizadores e os coloca em conversação com os seus saxes, cria uma imagética muito vívida e evoca emoções reais. Isso é algo que tento sempre fazer com as minhas composições. Enquanto saxofonista barítono, sou também influenciado por músicos como Leo Parker, que está mais ligado aos blues e ao gospel, sobretudo no que respeita à forma como moldo o meu som e o meu fraseado.»

Muito mais do que os referidos Surman e Parker, utiliza, porém, técnicas extensivas e outros recursos conotados com as chamadas “vanguardas”. Ainda assim, prefere o formato clássico da canção e toca o saxofone como se fosse uma voz: «Quando componho para tocar a solo, penso na melodia e na textura como os dois lados do meu mundo musical. A textura pode ser uma excelente fonte de tensão e gosto do tipo de distanciamento alienígena que resulta da utilização de sons complexos. Tento usar o calor e a coesão da

melodia como um complemento do caos que frequentemente ocorre na música eletrónica. Há algo de imbatível numa simples e cantável melodia, algo com que quase todos nos podemos conectar. Adoro a sensação de trazer essa ligação inquebrável para um mundo tão frio e distante quanto é o da eletrónica.»

«Gasto muitas horas a ouvir discos, a ler sobre os pioneiros dos sintetizadores, a estudar as histórias dos engenheiros que criaram estes aparelhos. Por vezes, parecem mágicos. Os sintetizadores analógicos tornaram-se nos instrumentos que são nas décadas de 1960 e 70, pelo que me interessa por grande parte dos músicos que os utilizavam na altura, nos EUA e na Europa. Muito especialmente, sou influenciado pelas partituras para cinema criadas com sintetizadores. Hoje pode ser um cliché, mas provavelmente não os tocaria se não tivesse ficado encantado com a banda-sonora de *Blade Runner*», informa-nos ainda.

Até por isso, depois das pessoas e das emoções que pretende dividir com elas, para Parzen-Johnson estão as questões técnicas da música, um aspeto não podendo existir sem o outro. Questões que passam pelo papel da improvisação nos seus pessoais conceitos: «Estou determinado a fazer música que seja imediata e que surja no momento. Não mascarar o facto de tocar a solo, pelo que me limito ao que posso fazer sem recorrer a *loops* e a materiais pré-gravados. Isso significa que sou livre de interpretar as minhas canções de novos modos em cada noite e de improvisar em qualquer altura dos temas, alterando

o seu curso. Enquanto ferramentas improvisacionais, estou particularmente interessado em aspetos como a colocação rítmica e a variação tonal. Como um cantor ou um declamador, preocupa-me não só o que digo, mas como digo.»

O certo é que o que diz e a forma como diz têm tornado Jonah Parzen-Johnson num dos mais cativantes músicos da atualidade, chamem-lhe jazz, música experimental ou, como ele prefere, folk. Já tardava, a sua vinda a Portugal...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Jonah Parzen-Johnson

Originário do South Side de Chicago mas a residir em Brooklyn, Nova Iorque, Jonah Parzen-Johnson formou-se na New York University e na Manhattan School of Music, tendo tido como mestre o saxofonista Mwata Bowden, uma das figuras de maior relevo na prestigiada AACM. Em simultâneo com o seu trabalho a solo, é co-líder do grupo de afrobeat Zongo Junction e já colaborou com bandas como Ex Reyes (soul psicadélico) e This is the Kit (folk-rock).

Em julho de 2017, Jonah lançou o seu terceiro álbum a solo *I Try To Remember Where I Come From* (Clean Feed), descrito pela crítica como “combina vividamente o free jazz com elementos de improvisação e composição para criar um ambiente meditativo contínuo, transportando os ouvintes para outro mundo” (Downbeat Magazine).

Próximo evento

IndieLisboa

15.º Festival Internacional
de Cinema

Cinema Qui 26 de abril a dom 6 de maio
10h30 – 23h45 · M16 (exceto IndieJúnior)



O IndieLisboa regressa à Culturgest para a sua 15.ª edição e já sabemos o que esperar: o melhor cinema de todo o mundo. Em 2018, os grandes homenageados são Lucrecia Martel e Jacques Rozier.

Próximo espetáculo de jazz

Gabriel Ferrandini, Evan Parker, Sten Sandell e Axel Dörner

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 11 de maio
Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



Parker, Sandell e Dörner têm a particularidade de terem introduzido no espectro das músicas criativas uma série de inovações que os individualizaram e fizeram escola, e é nessa categoria que o baterista português é incluído com esta colaboração.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Flávia Ferreira (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt